

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

LIARA LORENA CUNHA GONÇALVES

**FATOS HISTÓRICOS NAS CRÔNICAS ENGAJADAS DE RACHEL DE  
QUEIROZ: AS DEFINIÇÕES DO DISCURSO POLÍTICO NÃO FORAM  
ATUALIZADAS**

CURITIBA

2019

LIARA LORENA CUNHA GONÇALVES

**FATOS HISTÓRICOS NAS CRÔNICAS ENGAJADAS DE RACHEL DE  
QUEIROZ: AS DEFINIÇÕES DO DISCURSO POLÍTICO NÃO FORAM  
ATUALIZADAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida

CURITIBA

2019

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**FATOS HISTÓRICOS NAS CRÔNICAS ENGAJADAS DE RACHEL DE  
QUEIROZ: AS DEFINIÇÕES DO DISCURSO POLÍTICO NÃO FORAM  
ATUALIZADAS**

por

LIARA LORENA CUNHA GONÇALVES

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 12 de dezembro de 2019.

---

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida  
Orientador

---

Profa. Dra. Maurini de Souza  
Membro titular

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima  
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

Dedico esta, como todas as minhas demais conquistas, ao meu amado esposo, Ubirajara Gonçalves.

## **AGRADECIMENTOS**

Os agradecimentos são muitos. Quero agradecer especialmente ao Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima por ter sido paciente em aguardar todo o processo de realização deste trabalho, pois o realizei num momento pessoal bem difícil, portanto essa tranquilidade e apoio foram fundamentais.

Sou grata também ao Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida, o qual se dispôs a orientar-me e compartilhou não só a mim, mas a toda a turma da pós-graduação em Literatura e História Nacional, seus valiosos conhecimentos.

Agradeço também a todos os professores que dedicaram suas aulas, seu tempo e sabedoria para transmitir seus saberes a mim e aos meus colegas de sala.

À Secretaria do Curso, pela cooperação.

Ao meu esposo Ubirajara Gonçalves, que esteve em todos os momentos me incentivando de todas as maneiras possíveis.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

GONÇALVES, Liara Lorena Cunha. Fatos históricos nas crônicas engajadas de Rachel de Queiroz: as definições do discurso político não foram atualizadas. 51f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Curitiba, 2019.

Essa pesquisa sobre a trajetória intelectual da escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003) analisa os fatos históricos a partir da memória construída pela escritora e também pela memória coletiva. O recorte temporal selecionado dá-se sobre a produção literária relacionada às crônicas de Rachel de Queiroz, em diferentes períodos históricos de relevância no Brasil, sobretudo, no que se refere ao período entre 1930 e 1964. A partir dessa concepção, o estudo assinala como o desenvolvimento das crônicas da escritora, perpassa esses acontecimentos políticos considerados importantes historicamente no país e avalia o conteúdo dos discursos da época. Desta forma e pelo fato de a literatura ter caráter acrônico, procura-se fazer uma ligação com o período político atual, do ano 2019, referenciando a atemporalidade dessas crônicas, as quais também possuem elementos discursivos que são marcadores das escolhas políticas de Rachel. Propõe-se também um olhar avaliativo de como o discurso da escritora pôde influenciar leitores a partir das crônicas publicadas no momento da recepção. Com isso, procura-se realizar também uma breve análise da função autoral enquanto estimuladora e indutora na opinião pública, politicamente falando e, sob a irreverência do gênero crônica, o qual abarca fatos do cotidiano.

**Palavras-chave:** Crônicas. Discurso jornalístico. Política. Rachel de Queiroz.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 CRÔNICA: O GÊNERO MISTO</b> .....	<b>11</b>
2.1 CRÔNICA: O ENTRE LUGAR DO JORNALISMO E DA LITERATURA.....	11
<b>3 JORNALISMO LITERÁRIO: A TRINCHEIRA DE RACHEL DE QUEIROZ</b> .....	<b>13</b>
<b>4 CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ: MEMÓRIAS DE UM REGISTRO HISTÓRICO</b> .....	<b>15</b>
<b>5 AS ENTRELINHAS DO DISCURSO NAS CRÔNICAS POLÍTICAS DE RACHEL DE QUEIROZ E A ATEMPORALIDADE DA ESCRITA</b> .....	<b>21</b>
<b>6 A AUTORA NO CONTEXTO HISTÓRICO</b> .....	<b>25</b>
<b>7 RACHEL DE QUEIROZ: ENTRE IDENTIDADES</b> .....	<b>29</b>
<b>8 RACHEL DE QUEIROZ POLÍTICA E AS CRÔNICAS QUE ATRAVESSAM A HISTÓRIA: UM OLHAR DOS LEITOR</b> .....	<b>37</b>
8.1 ECOANDO OS DISCURSOS.....	38
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ato reflexivo da leitura, possibilita experienciar nossas intuições como fatos, e transfigurar as mudanças por meio das vivências numa passagem reconhecível pelo texto lido. Dentro dessa perspectiva, os fatores importantes para destaque nessa pesquisa que se inicia, são o leitor, o tempo, a história, a memória a literatura. E para trabalhar essas representações, acolhe-se parte da produção das crônicas com enviesamento político, escritas para o jornal O Cruzeiro por Rachel de Queiroz, uma escritora genial e ao mesmo tempo tão contraditória em sua vida pública.

Com isso, pretende-se realizar uma ligação com a atualidade por meio das evidências que a linguagem traça nos textos da autora, cruza o imaginário coletivo e atravessa o tempo, por meio da similaridade dos discursos ressonantes.

De acordo com Manguel (2017), nós, enquanto seres coletivos; gregários, que mesmo seguindo os ditames sociais, “não deixamos de sermos indivíduos que aprendem sobre o mundo ao reimaginá-lo, ao juntar palavras a ele, ao reencenar nossas experiências por meio dessas palavras.” (MANGUEL, 2017, p. 81). Assim, diante dessa afirmação, por meio da leitura das crônicas selecionadas é possível traçar um paralelo com a atualidade e reproduzir uma análise comparativa sobre como os recursos discursivos utilizados atualmente e, obviamente, relacionando-os aos fatos políticos, são similares ao discurso reproduzido nas crônicas de Rachel de Queiroz. Portanto, a partir de pontos muito similares do ontem das crônicas com teor político de Rachel e do hoje dos palanques e/ou mídias sociais, esse trabalho procura fazer um contraponto dessas aproximações.

E é da relação, entre história e literatura, permeada da ótica do leitor, que se origina uma assimilação importante sobre os assuntos abordados ao longo do curso de especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, tais como, a política nacional, os escritos de cada período histórico, bem como, o proceder de quem escrevia para o público na época. Assim sendo, por meio do estudo biográfico de Rachel de Queiroz, alguns trabalhos acadêmicos, teses e livros teóricos que permeiam as temáticas englobadas aqui, tais como: tempo, memória, percepção do leitor, história política e, relação história e literatura, formulou-se as concepções aqui registradas. A problematização proposta é exatamente procurar entender as posturas variáveis da escritora, suas múltiplas mudanças de posicionamento, e o entre lugar de jornalista e escritora que ocupara. Qual motivo de tantas permutações? Lançando

mão de algumas hipóteses, e elencando uma delas como a posição social de Rachel. Empenha-se na compreensão desse universo de matizes que Rachel mostrava em sua escrita e em sua vida pública.

Nessa pesquisa, como objetivo secundário, lança-se um olhar especial para a interpretação do leitor, tanto o leitor da época em que as crônicas produzidas, quanto os leitores que, hoje, leem, uma crônica de Raquel e conseguem vislumbrar um paralelo com o período político atual no Brasil. Mormente, se trilhar o caminho da percepção da linguagem, observando quais são as muitas vozes ressoando uma narrativa, já conhecida, em nosso passado político. Esse fragmento da justificativa abarca, principalmente, o fato de que a crônica enquanto gênero narrativo tem esse poder de causar reflexão, de gerar novas perspectivas para um determinado assunto, nesse caso, são crônicas políticas de Rachel de Queiroz publicadas nos períodos próximos à ditadura militar brasileira.

Além disso, um respaldo importante é a consideração de um dos teóricos utilizados na pesquisa e, estudado nesse curso de especialização, Roger Chartier, que considera a literatura como um registro historiográfico. Embasando-se nisso e, por meio da analogia dos períodos anteriores, em que foram escritas as crônicas, com o atual período, é possível perceber a similaridade dos discursos ressoantes.

A condição de possibilidade para que um sujeito ou o coletivo vá para diante, é o vestígio marcado em ações anteriores. Ou seja, o tempo é atravessado nas ações realizadas, as quais perdurarão, ainda que esquecidas, por meio da reserva de memória e de história. Portanto, o que está estabelecido, não é nem só presente e futuro, mas também, passado. Assim, pela verificação dos fatos anteriores, pode-se pressupor essa correlação discursiva, exatamente pela observação mais minuciosa de cada uma das crônicas, as quais propõem o cotidiano da época.

Desta forma, as crônicas selecionadas para o corpus da pesquisa serão analisadas pela perspectiva da linguagem; do discurso utilizado por Rachel de Queiroz em cada época em que foram escritas. Essa linguagem empregada pela autora, utiliza a referência dos fatos atrelada também ao toque literário; poético, sem, contudo, perder o arrimo da realidade. Portanto, essa análise salienta paralelamente ao estudo do discurso de Rachel Queiroz, os fatos históricos concomitantes às épocas da escrita e, o quão influenciados podem ter sido os leitores e, importantemente, eleitores da época, ao lerem as crônicas da escritora cearense. Rachel narrava os fatos corriqueiros, mas sempre com um teor político.

Procedendo avaliação dessa tendência de apresentar fatos cotidianos, mas, importantes, que engendram as crônicas selecionadas, é que se propõe analisar uma amostra de três crônicas de Rachel de Queiroz, as quais estão na coleção Melhores Crônicas, na edição do ano de 2004, e que foram selecionadas pela autora Heloísa Buarque de Holanda. Afora a seleção proposta nesse estudo e, em se tratando da escolha de Holanda, essa foi realizada dentro de uma cronologia que perpassa algumas fases de escrita de Rachel. As crônicas dela, eram parte de atividades regulares na imprensa, sendo uma parcela importante de sua colaboração para o jornal.

Embora, a atemporalidade da obra de Rachel de Queiroz esteja identificada em todos seus escritos, neste estudo, as crônicas escolhidas são parte um pequeno corpus, também pela limitação necessária diante do vasto campo existente para a pesquisa, realiza-se essa delimitação. A partir dos variados temas escritos nas crônicas da autora, foram selecionados para a pesquisa, alguns daqueles que mais contribuíam para o entendimento das posições políticas e sociais dela, bem como assentaram de maneira propícia para traçar um paralelo com o período pré-eleição no ano de 2018 até meados do ano de 2019.

Dentro desses propósitos, procura-se ainda, estabelecer a relação de como as produções literárias da autora perpassam esses períodos importantes da história política brasileira, em forma de crônica. A influência que a escritora exercia nos leitores, por meio da linguagem utilizada, de maneira a ter uma intimidade maior com eles. Portanto, ratifica-se que o leitor também é considerado nesse estudo como uma parte perceptiva de grande importância.

Por fim, o historiador, Roger Chartier (1998) ressalta que: “[...]o leitor tem o poder e a liberdade de subverter o que um determinado texto lhe impõe” (CHARTIER, 1998, p.77) o que envolve, por conseguinte, a recepção dos acontecimentos históricos. Então, por essa base, considera-se legítimo traçar esse paralelo com a atualidade, pois detecta-se na linguagem utilizada pela jornalista, muito do que percebemos hoje: Um discurso nacionalista, meritocrático, conservador, paternalista e, sobretudo, populista. As crônicas selecionadas para pautar essa correlação são: Pátria Amada, publicada em 1952; O Brasileiro Perplexo, publicada em 1964 e A Hora da Cidadania, publicada em 1998.

## 2 CRÔNICA: O GÊNERO MISTO

Na crônica o comentário pode ser poético ou irônico, mas o seu motivo, na maioria dos casos, é o fato corriqueiro, geralmente um a notícia que passa despercebida, sem maiores atenções uma cena rotineira. São nessas trivialidades que o cronista trabalha a beleza, a comicidade, os aspectos textuais singulares. Portanto, a crônica é um texto que traz informação por meio de uma perspectiva autoral, subjetiva e com uma opinião parcial. Portanto, diferencia-se de outras notícias comumente impressas nos jornais, as quais prezam o princípio da imparcialidade nas informações, ou, pelo menos, isso deveria ser premissa. Desta forma a crônica é tratada como um gênero híbrido, uma junção da literatura com o jornalismo. Partindo do princípio etimológico da palavra *chronos*, de origem grega, que tem por relação o tempo, a crônica é uma narrativa histórica que expõe os fatos seguindo uma ordem temporal. De acordo com o Candido (1985), a crônica elabora uma linguagem que se aproxima de nosso modo de ser mais natural. Consequentemente, humanizando mais as palavras para a vista do leitor, bem como, aproximando-o dos fatos correntes. Conforme é possível observar no excerto do texto *A vida ao rés-do-chão*:

A crônica não é um "gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós (CANDIDO, 1989, p. 6)

O crítico Antônio Cândido afirma que, "a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas". Partindo desse pressuposto, esse redimensionamento dos acontecimentos, se reestabelece as dimensões discursivas manifestadas por meio da escrita de Rachel de Queiroz, propondo como registro histórico e apontando o quão as formas de estrutura social ainda hoje, em 2019 estão estabelecidas.

### 2.1 CRÔNICA: O ENTRE LUGAR DO JORNALISMO E DA LITERATURA

A crônica é mundialmente conhecida como o gênero textual que narra os fatos cronologicamente, de maneira objetiva. É uma forma textual no estilo de narração, por

esse motivo apresenta uma leitura, geralmente, agradável, pela interação que proporciona ao leitor, os quais em algumas situações cotidianas, identificam-se com as personagens ou até mesmo o autor da crônica Antonio Candido (1989, p 6) destaca a origem da crônica no Brasil:

Retificando o que ficou dito atrás, ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou quotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns cento e cinquenta anos mais ou menos.[...]Antes de ser crônica propriamente dita foi 'folhetim', ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção 'Ao correr da pena', título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o 'folhetim' foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (CANDIDO,1989, p. 6-7)

O crítico assinala uma diferenciação na crônica brasileira, a qual antes de ser crônica era um folhetim. Em se tratando de uma análise comparativa com o modelo de crônicas em diversos países, é somente Portugal, que apresenta uma certa similaridade com a crônica brasileira, essa semelhança dá-se no momento em que o cronista se utiliza dos fatos como um pretexto para a escrita.

Para classificação de uma crônica, dentre a bibliografia sobre crônicas brasileiras, utiliza-se aqui, da mesma forma, a abordagem acolhida por Antônio Candido, ainda que existam outros teóricos com perspectivas variadas. Candido, que se orienta pela estrutura narrativa, também aplica sua abordagem, sem, contudo, ter pretensão de categorizar, mas sim, destacar as distinções entre os modernos cronistas brasileiros. O teórico sugere as seguintes classificações, de acordo com Melo (1985, p.118): A *crônica-dialogo* em que o cronista e seu interlocutor fictício se alternam entremeando informações e perspectivas. Já na *crônica-narrativa* há uma certa estrutura de ficção que é levada rumo ao conto. Na *crônica-exposição poética* ocorre a perambulação livre sobre um fato ou personagem. Por fim, a *crônica-lírica* narra de maneira poética a vida de alguém.

Rachel em toda sua genialidade na escrita fez, de maneira perspicaz, o uso de cada uma dessas acepções listadas por Candido. Por esse motivo as crônicas da autora têm um alcance sob forma de engajamento dentro da perspectiva da linguagem jornalística utilizada por Rachel, em suas construções relacionadas às crônicas.

### 3 JORNALISMO LITERÁRIO: A TRINCHEIRA DE RACHEL DE QUEIROZ

Presume-se que o jornalismo tenha compromisso com a ética e a verdade, contudo, é possível notar que esse seguimento também permite uma tendência parcial; subjetiva. Já a literatura tem muito dessas características, mas, não necessariamente, um compromisso ferrenho com a realidade dos fatos. Logo, sendo um entre lugar, no qual, a escritora utilizava se dos fatos correntes, no caso das crônicas escolhidas neste trabalho; os fatos políticos. Assim sendo, o jornalismo literário, era a trincheira de Rachel, como a própria definia sobre o papel do entre lugar, destaca Souza (2007):

O termo entre lugar se constitui um importante operador de leitura para um campo das ciências humanas, que se costumou chamar Estudos Culturais. Ser operador de leitura significa estar inserido, contumazmente, por exemplo, no jargão das pesquisas, teses e dissertações de uma área ou tendência de estudo, articulando e fundamentando noções e conceitos pertinentes à sua formação discursiva. (SOUZA, 2007, p.1)

Com essa informação, é possível seguir nesse estudo e, posteriormente, avaliar de maneira mais próxima o tipo de discurso utilizado por Rachel para atingir os objetivos que almejava. Todo esse alcance da escritora, emerge bem de dentro desse abrigo, em que ela ressoou sua voz, suas posições políticas, sua influência como jornalista e escritora. Muito embora, Rachel sempre deixasse claro, em muitas entrevistas, que a sua profissão era de jornalista. Mas nessa titulação, as técnicas do discurso literário não passam despercebidas.

Há vários fatores que convergem entre a literatura e o texto jornalístico. Entre tais aspectos conflitantes, a palavra é fator comum nos dois estilos. Portanto, as estratégias discursivas verbais, encontram-se tanto na linguagem jornalística, quanto no estilo literário, porém cada uma com sua especificidade atuando sobre as palavras de um texto. Para Santella (2005, p.7) a convergência não necessariamente, se relaciona com a identificação, podendo tomar rumos que, apesar das diferenças, se direcionam para ocupar lugares afins, sem a perda de suas inerentes características. Dentro dessa perspectiva, é possível evidenciar um dos pontos de confluência nos gêneros do jornalismo e da literatura que se chama narratividade. Ou seja, a produção de um texto narrativo contém uma sequência de eventos que decorrem no tempo. No caso da literatura, possíveis convergentes são o romance, o conto e a reportagem no jornalismo. Bulhões (2007, p.25-40), para os dois é necessário considerar as visões

da narrativa, os personagens, a ação, o tratamento do tempo, ambiente e estilo, corroborando: “[...]se a literatura habita o espaço permissivo da ficcionalidade, o jornalismo parece ter diante de si o horizonte prescritivo daquilo que é razoável, crível ou admissível[...]”. Desta forma, o autor propõe que no jornalismo a linguagem é o meio, e não fim; e tem como importante cooperação, a temporalidade. Já na literatura, a linguagem é princípio central. Portanto, a obra literária recria a realidade, porém, sem compromisso com a veracidade dos fatos, diferentemente, o jornalismo. E é nesse entremeio que é possível localizar a crônica.

Outra característica do discurso jornalístico é a síntese de vozes plurais que possibilita. Contudo, esse fato não é o bastante para a legitimação da presença de variados pontos de vista. Conforme valida Sato (2002, p. 33) em que se refere que, à medida que essas vozes diversas são organizadas dentro do discurso jornalístico, “apropriando-se de falas outras, o que acaba por atribuir diferentes sentidos.”

Atribuindo o incontestável valor ao discurso literário, a linguagem utilizada está em permanente atualização e abertura, complementa Proença Filho (1997, p. 41), que por força da “natureza criadora e fundadora, a literatura pode se configurar como espelho ou como denúncia, como conservadora, ou como transformadora.”

Nessa lógica, é perceptível que Rachel faz da linguagem empregada em suas crônicas, uma arma para expor suas colocações políticas dentro do perfil de jornalista, mas, por um viés muito importante de literata, consciente daquilo que escreve, nunca perdendo de vista sua posição social e, a até quem sabe, a permanência de privilégios. Assunto que será abordado no capítulo: *Rachel de Queiroz, entre identidades*.

#### 4 CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ: MEMÓRIAS DE UM REGISTRO HISTÓRICO

O cronista também pode ser pressuposto um historiador, segundo Borelli (1996), pois, ele interpreta, apresenta e recria, com sua imaginação, algum fato ou acontecimento. Ao escrever uma crônica, o cronista memoriza algo já acontecido, ou na iminência de ocorrer. Assim, certifica o cronista historiador e do historiador cronista. São lembranças pessoais e familiares, resultantes da articulação entre memória coletiva e memória individual". (BORELLI, 1996, p. 69)

Para Chartier (1990, p. 62-3), que é historiador, todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de textual construída e, pautada, em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, bem como, na própria "historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita". Assim é necessário vincular contexto ao texto com o qual se trabalha. Dessa maneira, contextualizar o texto com o qual se trabalha é relevante para esclarecer informações sobre o lugar em que foi produzido, seu estilo, sua linguagem, a biografia autoral, a sociedade que influencia e atravessa o escritor e seus escritos. Conforme corrobora Barros (2004):

A época, a sociedade, o ambiente social e cultural, as instituições, os campos sociais, as redes que estabelece com outros textos, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do gênero de escrita que se inscreve no texto, são questões que permeiam o texto escrito e constroem o autor de um texto, deixando nele suas marcas (BARROS, 2004, p. 137-8)

Deste modo, aborda-se as questões pertinentes à essa contextualização, sobretudo histórica, das crônicas de Rachel para que possam ser evidenciadas as intenções da autora cearense, bem como suas motivações para tal tipo de escrita. Como bem propõe (CATROGA, 2016, p.41) " a própria memória é retrospecto comandada pela ideia de futuro."

As discussões que têm relação com a História e a Literatura inserem-se no âmbito da História Cultural, que lhe concerne: [...] a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real" (PESAVENTO, 2004, p.80).

Textos literários que aproximam o leitor do cotidiano histórico, cultural e,

inclusive, político, as crônicas transmitem diferentes percepções de mundo tanto da parte autoral, quanto da contemporaneidade em que foram engendradas, contribuindo para as análises históricas enquanto documentos de época. Para Borges (2010) a História apresenta-se “[...] como processo social e como disciplina, e a literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico” (BORGES, 2010, p. 94).

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e, sobre o qual refere-se, pois é concebida e integrante a partir do mundo sociocultural.

Sob essas proposições e, considerando que as crônicas são gêneros pertencentes a essa égide, destaca-se que, foi nesse gênero, a crônica, que Rachel de Queiroz experienciou o limiar de sua escrita, nessa fronteira entre literatura e jornalismo.

De acordo com Coutinho (1964), as crônicas são parte de um gênero literário que relatam, cronologicamente, os acontecimentos mais diversos. Conferindo para sua designação a palavra grega *chronos*, esse tipo de texto; a crônica, mantém uma estrita relação com o tempo, a memória, e o cotidiano vivido.

Destacando o elemento memória dessa tríade, é possível afirmar que as recordações se estabelecem na subjetividade, contudo a memória individual é formada pela concorrência nem sempre amena de variadas memórias pessoais, de grupo, nacionais e toda uma gama distinta de reminiscências, sem contar que, estas memórias estão em frequentes alterações, pois as constantes mudanças temporais, de presente em passado, ou até mesmo alterações ocorridas nas representações que se tem do passado, têm reflexo naquilo que consideramos uma memória. E nessa concepção, de reflexo do passado no presente que se propõe, por meio das crônicas de Rachel, tais como documentos históricos, que viabilizam as confrontações realizadas nesse trabalho. Ainda nessa ótica, é possível compreender as mudanças ocorridas nas posições políticas de Rachel ao longo de sua biografia.

Para além da memória subjetiva, ainda é preciso considerar a memória coletiva, encarada como fenômeno social, conseqüentemente exercendo influência sobre a história tanto da sociedade como de cada indivíduo, sobre a política, a linguagem, a cultura e a construção da identidade. Assim, as memórias da escritora

justificam a forma de abordagem utilizada por Rachel, em suas crônicas.

Conforme o sociólogo Halbwachs (2013), pioneiro sobre estudos relacionados à memória atrelada ao o fator social, há existência de uma relação particular entre o individual e o coletivo. Uma grande parcela das lembranças de um indivíduo é relativa a momentos compartilhados com outros, seja no ambiente familiar, no trabalho, na escola, ou, numa escala maior, em um bairro, cidade, ou até país. Dessa forma, pode-se dizer, consoante o estudioso, que a memória individual é uma ótica da memória coletiva. Dessa forma, ainda que uma lembrança individual não envolva diretamente nenhuma outra pessoa, ela necessariamente insere-se no mesmo espaço que o das lembranças de distintas outras pessoas. A maneira como é guardada, ou melhor, arquivada pelos seus recursos mentais que se constituíram, também, de maneira social e pode se materializar através da linguagem, que é, novamente, uma construção social:

[...]Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios[...] se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo. (HALBWACHS, 2013, p. 16).

Colocando a escrita de Rachel de Queiroz sob esses conceitos, é possível perceber que suas memórias individuais sobre os fatos, são parte de um coletivo, que reverberou, à época da escrita das crônicas selecionadas para esse trabalho, reafirmando assim o caráter histórico dessas produções, corroborando ainda Halbwachs (2013):

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Assim, o sujeito está imerso em uma memória que o socializa. Da mesma maneira as crônicas de Rachel são um reflexo da sociedade da época. Catroga (2015) propõe que” as características apresentadas como típicas da memória tais como: seleção, finalismo, presentismo, verossimilhança, e representação, encontram-se, igualmente, no trabalho historiográfico. O estudioso aponta que ambas não são exclusivamente criadas pela imaginação e, ainda que por vias diferentes, “aspiram ao

verossímil, seja por fidelidade ou por veridicção” (CATROGA 2015, p. 53-54).

Por meio das memórias e também do registro historiográfico, faz-se, então uma esquematização mais simplificada da trajetória da escritora cearense, explicitando os períodos históricos, para isso, enumeraram-se três fases:

Na primeira, observa-se uma Rachel jovem e crítica, jornalista do periódico *O Ceará*, autora de *O Quinze*; já na segunda fase, a escritora depara-se com a função social de escritora, que tinha caráter militante, com vínculo partidário, militando no Partido Comunista. Queiroz foi perseguida e presa na Ditadura Vargas, nessa fase, há uma consolidação de sua carreira como literata; já na terceira fase a escritora e jornalista reverbera publicamente, de maneira consistente, suas escolhas políticas e pessoais, as quais construiu ao longo do tempo. Sobre esse período referente ao Estado Novo, no que tange aos literatos, Ramos (1956) destaca:

Em geral a reação se limitou a suprimir ataques diretos, palavras de ordem, tiradas demagógicas e disto escasso prejuízo veio à produção literária. Certos escritores se desculparam por não terem forjado coisas excelentes por falta de liberdade, talvez ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a delegacia de ordem política e social, mas, nos estreitos limites em que nos coage a gramática e a lei, ainda podemos nos mexer. (RAMOS, 1956, p. 5 – 6)

Como é possível consultar na literatura produzida por Rachel, ela não era o tipo de escritora que se deixava calar, e de maneira bem contundente expunha suas opiniões. Porém, a escritora apresentava essa facilidade, pois, tinha um nome de família tradicional, tinha uma posição social definida e uma rede de sociabilidade variada, conforme o capítulo subsequente que expressa sobre a identidade da escritora.

Já, retornando à questão inerente à memória, pode se afirmar que é por essa relação associativa entre tempo e rememoração, que este estudo sugere abordagem da temática utilizada por Raquel em suas crônicas de teor político, afim de encontrar um ponto comum, com o leitor que, em 2019 despretensiosamente, lê algumas crônicas da autora e, em meio a isso, tem percepções variadas, conforme afirma Beltrão (1992), sobre os textos jornalísticos:

[...] através desse conhecimento dos fatos, o homem alimenta seu espírito e, fortalecendo-se no exame das causas e consequências dos acontecimentos, sente apto à ação. Semelhante fato, ocorre nas coletividades: a divulgação de informações, da exposição, ainda que superficial, do ponto de vista sobre os assuntos relatados contribuem decisivamente para formar a opinião pública, que, ao ser corrente, impulsiona os agrupamentos humanos às decisões de realização da vida social (BELTRÃO, 1992, p.33)

Constata-se então, que há uma memória sobre a trajetória literária e intelectual de Rachel de Queiroz, conferindo à escritora características únicas dela.

Destarte, a história, muitas vezes, repete-se por meio desses escritos, no momento da leitura, apenas com a mudança de alguns atores sociais. Assim sendo, compreende-se que os registros Queiroz são capazes de capturar as particularidades que permitem um comparativo com a realidade atual.

Isso posto, e englobando essa tipologia de texto, que são as crônicas, é verossímil a proposição de Mallard (1995) na qual reitera que a relação da história e literatura pode ser considerada como um registro historiográfico:

O texto literário como documento da história ou a história como contexto que atribui significado ao texto literário são caminhos que podem colidir no congestionamento de mão única por onde enveredam. Neste sentido, reflexo, expressão, testemunho, articulação, influência e termos similares são o léxico que costuma vincular o texto literário ao que há de coletivo e social para aquém e para além de suas páginas. Aliás, a escolha de um ou de outro termo já implica não só menor ou maior grau do entrelaçamento postulado entre literatura e história, como também e, sobretudo, o modo como se postula tal entrelaçamento (MALLARD, 1995, p. 21)

As crônicas têm esse caráter reflexivo, testemunhal e de interferência, conforme propõe o teórico. Esses atributos podem ser identificados pelas escolhas lexicais utilizadas na construção de uma crônica. Portanto, conforme aponta Orlandi (2006), todo discurso é parte constituinte de discursos anteriores, logo, é possível perceber esse eco que o léxico pode fazer por meio do tipo de discurso. E é por essa perspectiva que se trabalha os textos selecionados para análise, pela similaridade dos fatos históricos que, curiosamente, parecem até mesmo, cíclicos.

Considerando uma crônica que tenha por assunto a política, é preciso escrevê-la para que tenha uma grande abrangência, no que tange ao entendimento do leitor, de tal forma, que proponha não só a objetividade, característica da crônica, mas também, o destaque à clareza textual. O objetivo dessas considerações ao escrever uma crônica é o alcance do leitor, justamente, por conta desse traquejo do qual, o gênero dispõe. Por consequência, essa abrangência leva à uma intimidade maior com àquele que lê, proporcionando identificação, positiva ou não. Importa que essa identificação proponha reflexão. Conforme sugere Chartier (1998), é possível pensar uma consciência historiográfica a partir do receptor dessas narrativas, ou seja, do leitor, como mediador e, por conseguinte, propagador.

Chartier (1998) propõe também que, o processo de recepção de um texto é sempre um jogo de “apropriação, invenção e produção de significados” (CHARTIER, 1998, p.77) Portanto, é inteligível, que atualmente seja solicitado ao leitor, por meio de um ato de reflexão sobre o próprio ato de leitura, a interpretação e apropriação do discurso da história, ou seja, a consciência historiográfica. Com toda certeza, são múltiplos os fatores que devem ser levados em conta para a tomada de consciência historiográfica, o que não cabe detalhar, para que não se perca o objetivo da pesquisa.

As ferramentas discursivas utilizadas pela escritora, tem relação com a ideologia abarcada por Rachel em cada um dos momentos. Ainda além, qual motivo das constantes mudanças na opinião política da autora? Nessa breve pesquisa é possível relacionar a conjuntura social de Raquel, que dentro da ótica discursiva nomeia-se como papel social.

Para a escritora, Rachel de Queiroz, seu papel social, e seu compromisso como escritora está exatamente naquilo que ela escreve, mesmo que o cenário não esteja de maneira propícia, conforme propõe em sua biografia:

Afinal, entender e comover as gentes é o nosso ofício. E, como profissional da pena, o exercício me parece fascinante. [...] Vamos ver se desta vez não fracassamos. Se seremos capazes de exibir ao povo os pés de bode dos seus supostos anjos. E se novamente fracassarmos, o melhor então será que cuidemos de outro ofício. Porque material excelente e de sobra – ai de nós – não irá nos faltar. (QUEIROZ, 1950. p.3)

Portanto, no que tange a relação do leitor com aquilo que ele lê, ocorre um aprendizado por meio da literatura. Isso significa, conseqüentemente, manter uma relação de troca com a leitura, perfazendo exatamente o caminho que o escritor propunha; proporcionar a reflexão. Um fenômeno que promove uma associação que se estabelece com o que vem da leitura e que adentra o leitor e com as experiências que ele tem, atravessa o texto. Nisso acontece a permutação de ambos: texto e leitor, que se transmutam e se renovam simultaneamente. Atrelando a isso, o fator histórico, o leitor pode equiparar acontecimentos e épocas.

Assim, foi a proposição a que se dá essa pesquisa, pois a leitura das crônicas *rachelianas*, sobretudo, as com envergadura política, trazem à memória do leitor atual, muitos apontamentos que são pertinentes de elucubrações no tempo presente.

## 5 AS ENTRELINHAS DO DISCURSO NAS CRÔNICAS POLÍTICAS DE RACHEL DE QUEIROZ E A ATEMPORALIDADE DA ESCRITA

Marcuschi (2008, p.149) apresenta uma definição de Gêneros Textuais, que, em resumo, mostra-os como “formas de ação social”. Mas, como autor mesmo sugere, a definição formal dos gêneros é algo difícil. Assim, ele propõe que dependendo do sentido em que se observa, os Gêneros Textuais podem ser: uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social e/ou uma ação retórica. Ainda, o estudioso sugere esse ponto de vista abrangente baseado no fato de que os Gêneros Textuais são entidades sócio discursivas fundamentais a qualquer situação comunicativa, seja ela escrita ou verbal. De acordo com Marcuschi, os textos sempre serão uma forma de expressão. Os gêneros textuais se configuram como textos sócio comunicativos utilizados cotidianamente. Marcuschi afirma que: “Na hipótese sócio interativa da língua e, nesse contexto, os gêneros textuais se constituem como ações sócio discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”. (MARCUSCHI, 2008, p.22). Os gêneros, portanto, demonstram, inclusive, as regras de funcionamento e até mesmo de controle da sociedade. Consoante Marcuschi (2008), nota-se que alguns gêneros expressam o exercício do poder social e cognitivo realizados por alguns segmentos dando superioridade ou não à legitimidade de um discurso. A exemplo disso, o jornal, o qual possui características que a sociedade letrada considera importantes num trabalho sobre algum tema. Quanto a isso, Marcuschi (2008, p.29) afirma: “[...]os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, pois estão numa relação sócio histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual”

Em consequência disso, os gêneros apenas materializam as ações comunicativas. Que por sua vez, são produzidas por definição de uma forma de organização social, o que ratifica a concepção de gêneros como produtos sociais.

Então, no que concerne o domínio discursivo, engloba um campo de comunicação que não se restringe a um único gênero, podendo suceder na manifestação de vários deles em dada prática comunicativa. De acordo com Marcuschi (2008, p. 194) “[...] entendemos como domínio discursivo uma esfera da vida social ou institucional, nas quais se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão.” Deste modo, os gêneros

estão compreendidos nos domínios discursivos, que se consolidam por meio de um contexto histórico-social, organizando assim, as práticas sociais comunicativas. Logo, essa breve pesquisa, utiliza-se destes meios, históricos-sociais para embasar as assimilações obtidas.

Para analisar uma forma de discurso, os elementos importantes a serem considerados são a linguística e as ciências sociais. A linguística que pensa a linguagem, porém suprime o que é social. Assim sendo, a maneira mais apropriada para tal tipo de estudo, pressupõe a relação sob a perspectiva do sujeito, história e língua, conforme aponta Orlandi (2006). Assim, apresentando, como o sócio-histórico e o sociolinguístico relacionam-se de maneira integrante, ligando o dizer à exterioridade, fato que é constitutivo do dizer. No discurso, o que é histórico e social são indissociáveis. De acordo com Pêcheux (1969 apud Orlandi 2006, p14.) o discurso mais do que transmissão de informação, é efeito de sentido entre locutores, deslocando assim a análise do discurso da área da linguística como instrumento de comunicação. o que não cabe pormenorizar nesse momento, devido os objetivos específicos do trabalho que, reiterando, são principalmente, traçar um paralelo com a situação política vigente no Brasil no ano de 2018, pré período eleitoral, até meados de 2019, já com eleição definida, onde o discurso é extremamente parecido.

À vista disso, pretende se destacar essa similaridade do discurso populista, meritocrático e conservador que esteve ganhando espaço no cotidiano e, o qual, foi relatado também por meio das crônicas de Rachel de Queiroz, em outro momento histórico-social. Portanto, é possível assimilar a perspectiva discursiva retrógrada que ocorreu num passado recente, e ocorre também na presente atualidade. A avaliação desse aspecto será explicitada nos anexos desse breve trabalho de pesquisa. Para que se possa basear um entendimento sobre como as crônicas selecionadas, podem retratar essa ciclicidade no pensamento da população e na atuação discursiva de candidatos populistas.

Para esse entendimento, é importante, conceituar as funções da linguagem, as quais serão utilizadas, nessa pesquisa, as definições classificadas por Jakobson (1969) as quais, enumera em seis funções, sendo elas: emotiva, conativa, referencial, fática, metalinguística e poética.

A função emotiva é centrada no remetente, aparecendo sempre em frases exclamativas, nas interjeições, na primeira pessoa dos verbos e pronomes. Já a conativa tem relação com o destinatário, caracterizando-se pelo apelo social,

evidenciando-se em frases interrogativas, imperativas, vocativos e na segunda pessoa em verbos e pronomes.

Na função referencial, como o próprio nome identifica, tem ligação com o contexto ao qual se refere, com o fato em si e, é essa função que é utilizada em linguagem jornalística, nessa aplicação as palavras são empregadas principalmente de modo denotativo.

A função fática prolonga ou encerra o ato da comunicação, enquanto na aplicabilidade metalinguística é a linguagem falando de si própria. E, finalmente, relacionando a função poética, tem-se forte traço de seleção vocabular, empregando palavras com sentido conotativo.

De todas essas funções propostas por Jakobson (1969), no jornalismo, a função referencial predomina, pois é de cunho informativo. Contudo, essas funções não são compartimentadas de maneira estanque. Logo, nada disso impede que um autor utilize técnicas literárias na construção de seu texto. Pelo ponto de vista literário um texto será tanto ou mais eficaz, à medida que propõe novas formas de enunciar coisas velhas.

A linguagem jornalística é, fundamentalmente, estabelecida por palavras, regras combinatórias e expressões que são praticáveis no registro coloquial e aceitáveis também no registro formal.

Desta forma, colocando em evidência o discurso de Rachel, é a maneira de sua escrita, seca e objetiva, que remete a identificação e aceitação de seus colegas de academia, todos homens. Se a escrita fosse distinta e mais pormenorizada, talvez o reconhecimento não chegasse.

Assim, confere-se importância à questão da discursividade, ou seja, como em sua execução, o texto produz sentido. Conforme Orlandi (2006) para que seja efetivo o entendimento desse funcionamento, e por consequência, compreender como um texto se compõe em discurso e como pode ser compreendido “em função das formações discursivas que se constituem em função da formação ideológica que as determina.” (ORLANDI, 2006, p.16)

Ponderar um texto em seu funcionamento é também pensá-lo relacionando suas condições de produção, vinculá-lo a sua exterioridade, pois a própria textualidade traz a historicidade.

De acordo com Pêcheux (1997, p.62 apud Oliveira, 2013 p.212) para caracterizar um discurso há que se considerar elementos transversais que

contemplam além da avaliação da linguagem, também questões sociais e políticas do momento de dada escrita, permeada pela história.

Tendo em vista essa afirmação, é possível considerar que essa pesquisa, pode ser embasada, dentro desses conceitos da Análise do Discurso, pois, por meio da linguagem que Rachel de Queiroz utiliza, atrelada ao tempo histórico e conseqüentemente os acontecimentos sociais, pode-se identificar elementos os fundamentos que nortearam as escolhas na escrita das crônicas com teor político da escritora. Escritos esses que, de alguma maneira influenciavam ao leitor, seja pela linguagem de trato fácil e cotidiano que caracterizam o gênero crônica, seja pelas induções que a autora utilizava para influir na sociedade, ou mesmo, pelas opiniões que refletiam àquilo que a jornalista pensava. Não se pode desvincular a posição que ela ocupava, a sua condição social, bem como, sua rede de sociabilidade. Todos esses fatores interferem na maneira como Rachel organiza seus escritos e que, implicitamente vem acompanhados de uma questão ideológica.

A Análise do Discurso de um discurso busca estabelecer um a ligação entre discurso, ideologia e subjetividade e consoante com Oliveira (2013, p. 218) “o sujeito de uma formação social que se reconhece como sujeito por práticas no interior de formações ideológicas, referendadas por meio de formações discursivas.”

Desta maneira, no próximo capítulo, será possível conjecturar as características mais evidentes desse sujeito da formação social que espelha a escritora cearense e os contextos históricos em que ela produziu as crônicas selecionadas para pesquisa.

## 6 A AUTORA NO CONTEXTO HISTÓRICO: ENGAJAMENTO ENTRE DITADURAS

Em Fortaleza, nasce em novembro de 1910, a romancista Rachel de Queiroz, pioneira não somente nas atividades literárias, mas também em sua representação no contexto político e social brasileiro no século XX. Escritora, jornalista, tradutora e dramaturga, Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Mulher intensa, independente, que não admitia rótulos sobre si. Sendo esse, um dos motivos pelos quais a escritora era e, até hoje é considerada contraditória. Contudo, Rachel não se desviava de discussões, sempre fiel a sua liberdade de pensamento conforme trecho de entrevista concedida para um programa televisivo de entrevistas e, de alcance nacional, Roda Viva: “Acho que a gente tem que dar o testemunho fiel do seu tempo e da sua gente e as conclusões que sejam tiradas”. Ou seja, Queiroz prezava pela narrativa que queria que reverberasse, coadunando com os períodos da história em que produzira seus escritos.

A trajetória de vida e profissão da escritora, estiveram sempre ligadas à sua trajetória política do Brasil. Nos anos da era getulista, as experiências de Rachel como membro do Partido Comunista, as prisões, as experiências furtivas, e depois, por meio de seu apoio pública a ditadura militar na década de 60. Mesmo no entremeio desses períodos Rachel não deixou de expressar suas posições políticas.

Devido as posturas variáveis de Raquel, principalmente, em relação ao seu ideário político, bem como as contradições que se evidenciam em seus textos por esse motivo e, sobretudo, nas crônicas, objeto dessa pesquisa, é que esse universo, com as variadas faces de sua escrita, deve ser melhor compreendido. Para isso, é possível elencar àquilo que reitera Elias (1981, p 140-145., apud CHARTIER, 2002, p.101) sobre mudanças nas posições sociais dos indivíduos:

Quando o equilíbrio das tensões que permitia a perpetuação de uma formação social se encontra quebrado — quer porque um dos adversários/parceiros se tornou demasiado poderoso, quer porque um novo grupo recusa a sua exclusão de uma partilha estabelecida sem ele —, e a própria formação que e posta em perigo e, no fim, e substituída por uma outra, que assenta num novo equilíbrio das forças e numa figura inédita das interdependências. (CHARTIER 2002, p. 101)

Partindo desse pressuposto, é possível compreender as motivações para que Rachel tenha essa gama de faces na escrita de suas crônicas. Ou seja, os períodos históricos são alterados e, por consequência têm diferentes características desta

forma transformando aquilo que está em equilíbrio. Dentro da proposição de Elias (1981, p. 140 apud CHARTIER, 2002, p. 104) é relevante situar a duração e os ritmos próprios da evolução das formações sociais. Portanto, o propósito desse estudo que, ratificando, está longe de ser um estudo estanque, visto a complexidade da obra da autora, procura situar pelos momentos da escrita de Rachel, um paralelo ao tempo histórico, formador importante dessas constituições, ou melhor, novas configurações sociais, que no caso de Rachel de Queiroz serão apontadas por meio da análise de suas crônicas. No capítulo III do livro *História Cultural: Entre Práticas e Representações*, Chartier (2002) coaduna com a posição de Elias sobre como é importante pensar corretamente os mecanismos que explicam a evolução das configurações sociais. E isso, implica, pois, numa exigência conceitual que se traduz no léxico. E, por esse motivo, Elias recusa toda uma série de noções que lhe parecem apagar o essencial, que dentro dessa concepção se identifica como o realce das interdependências conflituais e das tensões em equilíbrio, que caracterizam de maneira própria, cada formação social.

Para fundamentar, essa nova forma de reprodução discursiva de Rachel, advinda também de suas funções sociais e das mudanças nelas ocorridas, utiliza-se o apontamento, ou melhor, o questionamento de Catroga (2016):

A análise das práticas representificadoras (memoriais; historiográficas) mostra que novos traços podem despertar lembranças esquecidas e que novas alterações situacionais do evocador podem levar a “reescrever” o que nunca se esqueceu (os mesmos acontecimentos da infância, nunca olvidados, terão o mesmo significado quando lembrados aos vinte anos e, depois, na velhice? (CATROGA, 2016, p. 40).

A resposta para essa questão, quem concede é a própria cronista, em 1970 quando Rachel considerava-se tão longe da jovem romancista de *O Quinze*, “ingênua, revolucionária, insolente”, que afirma: “A velha devorou a moça.” Logo, a memória sobre si própria, apresenta a velhice como uma indicação de desleixo com os ideais revolucionários os quais, foram substituídos pelo conformismo com o presente vivenciado pela autora. Sob essa concepção, o conservadorismo é justificado pela ação do tempo. Neste sentido, nota-se a relação entre sua gradativa inserção no campo literário modernista e a necessidade de assumir opiniões políticas no espaço público, observando ao longo da trajetória da escritora cearense.

De acordo com a biografia de Rachel, ela foi uma mulher que rompeu barreiras através de sua vida, de sua escrita e também de suas personagens. Sendo uma das poucas escritoras mulheres a participar do círculo modernista de seu estado de origem

e do grupo regionalista dos anos 1930.

Sobre esse vanguardismo de Rachel, tanto na área literária quanto em termos de conquistas da mulher, a eminente pesquisadora, Heloísa Buarque de Hollanda (1997) ressalta que o caráter que preponderantemente marca a identidade da escrita da autora, é um tipo de poder político sobre a sociedade: “[...] como fio articulador do seu pensamento político, a defesa convicta de uma lógica oligárquica de acento liberal e com compromissos sociais e progressistas em embate com a força com que se coloca, no Brasil das décadas de 30 e 40.” (HOLLANDA, 1997, p.110).

Em relação ao período supracitado que se refere ao Estado Novo, cujo regime político brasileiro foi instaurado por Getúlio Vargas no ano de 1937, vigorando até 1946, verifica-se que esse período foi assinalado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e autoritarismo. Getúlio Vargas na Revolução de outubro de 1930, impôs no Brasil interventores nos estados, reprimiu dissidentes da revolução e impôs uma rigorosa censura aos meios de comunicação

Em entrevista ao *Caderno de Literatura Brasileira*, ao Instituto Moreira Salles (1997, p. 29-30) a própria escritora afirmar considerar o período da Era Vargas pior que o período em que houve o golpe militar em 1964, do qual foi publicamente favorável.

Rachel também fala abertamente sobre o período em que estivera filiada ao partido comunista, conforme excerto no qual é entrevistada por Quintella (1970):

O fato é que o comunismo, o meu comunismo, àquela época, era um desaguadouro para essas inquietações, esse desejo de justiça social, de justiça particular, de justiça privada, de justiça com jota grande, que todo jovem generoso tem. E, naquele momento, o desaguadouro para todas essas ansiedades, decepcionada como estava a mocidade com a revolução de 30 – já estávamos em pleno getulismo – era o comunismo e o socialismo. Havia também esse lado heroico, ilegal, que o Partido tinha naquele momento que seduzia os jovens.” (QUINTELLA, 1970, p.4)

Rachel, por suas próprias palavras, reverbera que o comunismo da década de 30, foi um típico ímpeto juvenil, conforme relata no em sua biografia:

Inscrevi-me, então, como membro do Partido. Mas era tudo muito precário, naquela estreita clandestinidade. [...] Quando Getúlio chegou ao Rio de Janeiro no seu trem, fardado de coronel, trouxe consigo o estado de sítio e a mais 'legislação' que compõe uma 'revolução' desse tipo. A repressão policial ficou feroz. [...] Prestes era nosso ídolo e, em certo período, nosso elemento de contato com a União Soviética (QUEIROZ, 1995: p.37).

Para reforçar as características históricas que marcam as crônicas de Rachel e relacionam-se com o período do Estado Novo elenca-se também, a criação do

programa de rádio *A Hora do Brasil*, que divulgava, em larga escala, os atos promovidos pelo governo. e onde não havia tantos radio receptores, o governo instalara alto falantes nas praças para poder popularizar seus feitos e estar próximo ao povo, ao que se caracteriza como um ato populista. Assim, Estado Novo criara um meio de se comunicar com esse público.

A jornalista também evidencia alguns dos privilégios intrínsecos em sua classe social e que, segundo ela não afetaram tanto sua autonomia como escritora em 1964, pois foi no Estado Novo, que foi presa, por publicar uma obra considerada subversiva. Conforme trecho em que menciona o jornalista Vladimir Herzog, morto no período ditatorial: “[...] Claro, houve esse caso do Herzog [...], mas mesmo assim, acho que aquilo Getúlio fez com os comunistas, não se repetiu no *regime militar*.” Claramente, Rachel utiliza-se de eufemismos para referenciar esse período ditatorial militar no Brasil, face essa que se relaciona com a ótica discursiva proposta pela jornalista.

Por estabelecer uma conexão com os militares, destacando Castelo Branco pelo qual Rachel demonstrava amizade e apreço e, Costa e Silva, ao qual rendeu crônica com comentários elogiosos, é que a cronista levantava polêmicas, visto que iniciou sua carreira já filiada ao partido comunista brasileiro. Em ocasião da posse na ABL, muitos dos seus contemporâneos literatos, questionaram o posto de Queiroz, destacando que os militares estavam tirando proveito dessa situação. Era esse o receio dos literatos, que as instituições estivessem interferindo na academia, por meio de Rachel, a qual poderia ter comprometimentos com os órgãos ou autoridades oficiais e, não propriamente, por ela ser a primeira mulher a estar prestes a conquistar esse feito. Conforme corrobora Antonio Houaiss em entrevista a uma revista de circulação nacional: “A academia é uma instituição muito sedutora para o poder. E como não se pode tomá-la pela ocupação, os governantes se aproximam-se dos acadêmicos a eles ligados,” (Veja, 1977 p. 87-89).

Considerando esta informação, observa-se que Rachel escrevendo em pleno regime militar foi, indiretamente, participante do movimento que culminou no golpe de 64 e sendo também colaboradora do governo Castelo Branco (1964-1967), a escritora determinava sua posição política nacionalista, publicamente. Rachel defendia a ideia que somente após a ‘ordem social’, a democracia seria completa no país (QUEIROZ, 2004). Devido essas contestações relacionadas à Rachel, é possível pensar sobre qual a identificação é, ao menos plausível, aproximar a escritora.

## 7 RACHEL DE QUEIROZ: ENTRE IDENTIDADES

Há uma concordância entorno do papel de recordação na constituição das identidades pessoais e sociais. De acordo com (CANDAU 2011, p.22) é possível enumerar os níveis de memória, em três, são eles: a *protomemória* que é o produto, em boa medida, do *habitus*, que para Bourdieu (2009,p.87), com quem, Candau coaduna: “são sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações [...]”, e da socialização, ou seja, *protomemória* é a memória social entremeada, da forma como se expressa, por exemplo, nos gestos, nas práticas e na linguagem; a *memória propriamente dita*, que salienta a recordação e o reconhecimento, tendo como extensão conhecimentos enciclopédicos, crenças, sensações e sentimentos que aprimoram-se da cultura de memória que promove sua ampliação em extensões artificiais; e, a *metamemória*, nessa, as representações de vertentes comemorativas, que um sujeito faz de maneira a compartilhar e onde prevalece a recordação-imagem e tem relação com a construção identitária. Dentro dessas imbricações, a primeira das acepções refere-se à ideia de passividade, enquanto as outras duas definições significam a procura ativa no ato de recordar e ainda, remetem para a forma como cada um se filia em seu inerente passado e como, declaradamente, constrói a sua identidade e se distingue dos demais. As duas primeiras dispõem de uma extensão mais espontânea, a *metamemória* evidencia as características particulares à chamada memória coletiva e histórica. Obviamente, todos esses níveis de memória relacionam-se e, conforme aponta Catroga (2015, p.15) “[...] será um erro resumir a fenomenologia da memória à espontaneidade do eu, dado que ela também está sujeita a uma sobre determinação social.” Com base nessa assertiva, é possível estabelecer que tanto a identidade, quanto a diferença, têm que ser ativamente produzidas, estabelecidas pelo vínculo no mundo sociocultural. A identidade e a diferença são constructos sociais e culturais, bem como, os atos de linguagem próprios de cada indivíduo e, é pelos meios linguísticos, nos atos de fala ou escrita, umas das formas pelas quais reforçamos a identidade e as distinções. Esse assunto, retorna às vias do capítulo que discorre sobre o discurso utilizado pela escritora.

Evidenciando essa questão da memória, é apropriado então, verificar tanto as memórias autobiográficas quanto as recordações que se têm em âmbito social sobre

Rachel, para ser possível efetivar um estudo aproximado, ao menos, sobre as entre-identidades da escritora cearense. Tudo isso, sendo vinculado a maneira de sua escrita, que está devidamente documentada na literatura, que por sua vez, representa os períodos da história, a partir da análise de publicações.

É importante salientar que, para Holanda (1990), estudiosa que se tornou também amiga de Rachel, o “esquecimento” relativo à obra e trajetória de Rachel de Queiroz se deveu ao temor da academia relacionado ao enfrentamento que teria com a autora e também com as pautas feministas, com as quais Rachel tinha uma relação conflituosa. Ainda cabe um outro apontamento para esse temor, de acordo com Holanda, a literatura escrita por mulheres e medo de explicitar as possíveis causas do sucesso e do poder público que esta escritora adquiriu ao longo do tempo, quando trilhou com fibra de autoridade e também muita naturalidade pela cena literária e política do país. Ou seja, as marcas de suas redes de sociabilidade entrariam em voga, ainda que houvesse tamanho talento. Houveram outros meios que não só o talento para cimentar a trajetória da escritora.

Desta forma, procede-se com as crônicas selecionadas para averiguar como estava o período político no país em ocasião das escritas e, também como, a escrita de Rachel refletia suas identificações. Logo, é possível estudar a identidade que Rachel de Queiroz deixa transparecer por meio de sua escrita, logicamente, não criando definições categorizadas e sim, observando as constantes mudanças de posição de Rachel, as quais fazem parte de sua identificação, e são uma de suas marcas enquanto escritora e jornalista.

A literata por ser mulher e ter conseguido galgar uma cadeira na ABL, poderia ser, claramente, estereotipada como uma feminista convicta, no entanto, essa identidade relacionada ao gênero não é a mais factível. Embora tenha postulado em suas obras a voz da mulher indo contra o modelo patriarcal, em muitos momentos a escritora mostra-se até mesmo diversa ao movimento feminista. A exemplo de sua declaração sobre sua posição na ABL, fato que a escritora não considera como uma vitória feminista e sim, antimachista dentro da academia. Na concepção da cronista, foram os homens, que constituíram a maioria pró-mulher, depois de ponderarem o quão obsoleto eram suas posições. Rachel afirma que não lutou por essa posição, sentindo como se tivesse se apropriado de um lugar de mulheres que a antecederam. Ou seja, não reconhecendo pelo viés da identificação com o gênero.

Mesmo sendo literata pioneira, Queiroz não rompe com a hegemonia masculina, e isso, também, está posto no capítulo referente a identidade da escritora, é razoável considerar por meio de suas próprias colocações, que houve interferência masculina para a obtenção do título, embora, isso de forma alguma, desmereça a posição de imortal da cadeira ABL a que ela chegou.

Esse posicionamento traz a reflexão de Brito (2007) a partir do campo literário e patriarcalismo: “[...] com relação à Rachel, observamos que o fato de ter estabelecido uma rede com importantes intelectuais, contribuiu consideravelmente para o seu reconhecimento no campo literário.” (BRITO, 2007 p. 115).

A própria Rachel, reitera essa assertiva: “Com o correr dos anos, entretanto, os meus amigos mais próximos foram entrando para a academia “[...]Eles consideravam uma espécie de traição terem me deixado de fora” (QUEIROZ & QUEIROZ, 1998 p. 235). Avaliando essa afirmação de Rachel, é possível identificar que ela atribui, em parte, aos homens, literatos da academia, sua cadeira na ABL. Na linguagem de hoje, isso seria o equivalente à indicação planejada, ou o popular, *quem indica*.

Sobre a questão identitária atrelada a o discurso que se denota numa obra de literatura, é possível afirma-la como formadora do caráter literário de quaisquer obras, visto que um escritor não se desvencilha de suas ideias; que nunca são neutras, em consonância com Orlandi (2006).

Rachel, em suas obras, procura apresentar a mulher como protagonista, porém trilhando perfis muito similares aos homens, fazendo as atitudes da personagem se assemelharem com as atitudes masculinas da época.

Anteriormente, era difícil para os agentes legitimadores no campo da literatura reconhecerem a relevância de um livro escrito por uma mulher. No entanto, em relação à Rachel não era possível negar as qualidades estéticas na escrita da autora.” Conforme, (BRITO, 2007 p.119) o recurso encontrado para aceitá-la foi a desvinculação de sua escrita, do que tradicionalmente era considerado literatura feminina.

Dentro dessa temática, a questão do conceito de literatura feminina, atualmente melhor valorizada pela crítica literária, perpassa pelo reconhecimento da identidade e também da percepção das dessemelhanças. Não obstante, faz-se necessário levar em consideração a questão proposta por Heloísa Buarque de Holanda, enquanto sumidade nos estudos feministas e, importante pesquisadora de Rachel de Queiroz:

[...] as noções de linguagem feminina, ou mesmo de identidade feminina, enquanto construções sociais exigem a avaliação das condições particulares e dos contextos sociais e históricos em que foram estruturados.” (HOLLANDA, 1997 p.111). Nessa questão é possível destacar a alternância nos contextos históricos de produção da autora em cada crônica anexo.

Embasando-se nesse conceito, é possível avaliar a questão identitária de Rachel, nas épocas do Estado Novo, dentro da historiografia brasileira, bem como, do período em que se passa a ditadura militar no Brasil. Ou seja, dentro das possibilidades contemporâneas às duas épocas. Em que, é possível coadunar com (CATROGA, 2011, p. 17): “A pluralidade de expectativas de memórias é inevitável corolário da existência de uma pluralidade de mundos e de suma pluralidade de tempos sociais.”

Desta maneira, Rachel, entre os distintos tempos sociais reafirmou sua identidade politicamente, sem maior defesa de causas das mulheres, ou ao menos não era esse o principal foco enquanto causa militante, por isso, é possível classificar seus escritos como engajados.

Segundo Benoit (2002), “a expressão *literatura engajada* designa uma prática literária estritamente associada à política.” (BENOIT, 2002 p. 9-11). De acordo com o teórico, a relação entre literatura, política e poder sempre existiu e se, por um lado, os escritores observavam esse conceito, por outro, os detentores do poder político também se preocupavam com as produções dos escritores. O autor afirma ainda que: “a literatura não foi nunca um objeto neutro e indiferente em termos políticos.” (BENOIT, 2002 p. 11). De acordo com o estudioso “o engajamento procede numa larga medida, da consciência que o escritor possui da sua historicidade.” (BENOIT, 2002 p.38). Sob esse viés, é notória a relação na tríade história, literatura e engajamento. Em consequência dessa tripla ligação, é exequível captar essa consciência de historicidade em Rachel, bem como o seu engajamento, no período em que escreve seu segundo livro intitulado *João Miguel* (1932), à época a escritora estava filiada ao partido comunista, que vetou trechos de serem divulgados sob alegação de que uma briga entre proletários, a qual culminaria na morte de um deles. De acordo com seus correligionários, esse excerto não faria bem à imagem do partido, bem como para os ideais de classe que propunham. Por esse motivo, Rachel se desvinculou do partido, preferindo sua autonomia literária. Sob essa perspectiva denota-se que, sim, Rachel tinha consciência de que sua obra não só não era neutra, como também tinha peso

político. Portanto, esse episódio exemplifica a proposição de Benoit faz entre literatura engajada e literatura militante:[...] a primeira vem à política porque é nesse terreno que a visão do homem e do mundo da qual ela é portadora se concretiza, enquanto que a segunda, já é desde o início política. (BENOÍT, 2002 p. 35-36). Nesse sentido, engajar-se refere-se a tomar uma direção a partir dos valores que o escritor acredita e possui, denotando sua visão de mundo. A própria Rachel de Queiroz reafirmava em muitas entrevistas que coincidem com a ótica Platônica de que: "o homem é um animal político." Reiterando que a proximidade ao poder político tem relação incisiva em suas experiências cotidianas. Assim, a escritora sinaliza estar num entre lugar da velha ordem tradicional, e do campo progressista e de desenvolvimento expressos em suas realizações enquanto mulher e escritora. Hollanda (2004), entende que a escritora teve uma vida independente, com liberdade, pois era dona de suas próprias escolhas, tanto no âmbito pessoal, existencial, profissional, literário, e, sobretudo, político. (HOLLANDA, 2004, p 9.)

De acordo com essa proposição, é possível pensar na posição conservadora que Rachel adotou, e até mesmo confirmou verbalmente: "a velha devorou a moça" fazendo uma clara analogia de como a escritora de posicionamento conservador se sobrepôs à jovem Rachel idealista e questionadora. Essa matize da escritora será verificada no próximo tópico do capítulo.

Não é possível destituir do enunciador, a sua classe social e sua visão de mundo no momento da apreciação dos fatos e na sua formulação verbal. Desta forma, Rachel de Queiroz tem sua classe social como um fator determinante para as escolhas que reverberaram em seus textos. Conforme, é possível embasar por meio dos estudos de Catroga (2001):

A formação do eu de cada indivíduo será, assim, inseparável da maneira como ele se relaciona com os valores da(s) sociedade(s) e grupo(s) em que se situa e do modo como, a luz do seu passado, organiza o seu percurso como projeto. Na linguagem de Halbwachs, a personalidade se forma sempre dentro de "quadros sociais de memória". pano de fundo que, porém, consente tanto a apropriação da herança, como suas reinterpretações. E estas, se, regra geral, possibilitam a comunicação e o consenso entre indivíduos e uma transmissão revivificada do passado, também são alvo de rejeições, tendência que se tem acentuado nas sociedades contemporâneas, mais complexas e individualizadas. (CATROGA, 2001, p.20)

Assim, propõe-se um panorama que pode ligar a escrita de Rachel com os aspectos sociais de suas vivências, que por sua vez, por meio da memória que

constitui essas experiências, também reverberam de maneira enfática em seus escritos. Para isso, alguns conceitos deverão ser observados quanto à formação desses aspectos.

Sob essas observações e ponderando o campo intelectual enquanto autônomo e aberto que se localiza na intersecção entre história política, social e cultural, Sirinelli (1998) preconiza o estudo dos intelectuais fundamentando-se no o conceito de sociabilidade. Para ele, “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum, e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver.” (SIRINELLI, 1998 p.248).

Rachel de Queiroz, apresenta suas posições ideológicas, porém não sem que se possa atrelá-las a sua posição social, que recebe total influência de seu círculo familiar que, invariavelmente intervém futuramente na rede de sociabilidade da escritora, que tem um recorte de classe muito bem definido, como é possível verificar na biografia da literata. Desta maneira, um dos fatores que fazem com que Rachel tenha as posições conservadoras e nacionalistas que demonstrara em tantos de seus textos, é essencialmente sua condição de herdeira latifundiária. Portanto, a representação dela bem como, de sua família passam também pela história do Brasil, conforme aponta-se seguidamente.

Assim que Rachel completou dois anos, o pai, Daniel de Queiroz trabalhava como juiz municipal em Quixadá, com a observação desse estudo, já denotando a classe social a qual a escritora pertencera. Historicamente, ocorria o notável enfrentamento entre a tradicional oligarquia Acioli, que dominava a Rabelo, a política cearense desde o século XIX, e os partidários do tenente-coronel Franco. Adiante as revoltas que depuseram Rabelo do governo estadual em 1914. Por sua vez, Daniel de Queiroz foi nomeado promotor de justiça em Fortaleza e, em seguida, professor de geografia do Liceu. Permaneceu nos cargos pouco tempo, até resolver se dedicar à fazenda em Quixadá, que valida sua posição de latifundiário, da qual Rachel terá seu quinhão. Assim, desde muito jovem, Rachel compreendeu a importância da memória oligárquica dos Queiroz sua trajetória de vida.

É possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal.

De acordo com HOLANDA, em seu celebre livro Raízes do Brasil, no capítulo 3, pondera sobre a herança rural, a qual a escritora cearense também está submetida e privilegiada. De acordo com Holanda (1995), os filhos dos fazendeiros, eram educados em profissões liberais. Desse modo, eram eles quem acabavam por monopolizar a política, tanto se elegendo, quanto ajudando na eleição dos candidatos que os representavam. Essa relação, em que esses possuidores das posições públicas de responsabilidade, formados nesse contexto, não diferenciam os domínios do privado e do público, por conseguinte caracterizando o patrimonialismo. Logo, esses herdeiros de posse de poderes políticos, consequentemente dominavam ministérios, parlamentos e fundaram a estabilidade das instituições nesse “incontestado domínio.” (Holanda,1995. P.73). Essa conjuntura, perdura até hoje, como bem se pode observar. Holanda (1995) ainda ressalta:

Toda a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos. É preciso considerar esse fato para se compreenderem exatamente as condições que, por via direta ou indireta, nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje. (HOLANDA, 1995, p. 73)

No caso, de Rachel, é por meio de seus escritos; suas opiniões, que ela induz seu público, ou reafirma o que ressoa de maneira coletiva. Seja por meio dos ferrenhos discursos nacionalistas, dos acentuados discursos sobre moralidade, das entrevistas irônicas, das crônicas despretensiosas, mas com muito objetivo.

Verdadeiramente, onde quer que se fundamente em bases demasiado firmes, a ideia de família, com bases nos conceitos patriarcais de acordo com Holanda (1995, p.) “tende a ser precária e a lutar contra as fortes restrições e formação e evolução da sociedade segundo conceitos atuais.” Desse modo, procede Holanda:

O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências fundadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, todas as nossas atividades. (HOLLANDA, 1995, p.82)

Esses fatores, atrelados a muitos outros, que ainda podem ser desenvolvidos em uma extensão dessa pesquisa, com mais foco em cada um dos assuntos, constituem a Rachel de Queiroz social, a escritora estabelecida socialmente, que traz em sua história as marcas de uma família tradicional, latifundiária e que, de toda

forma, por meio da memória da autora e, da memória coletiva; memória histórica.

E como as memórias se constroem constantemente, pode-se perceber que essas alterações no discurso de Rachel circunscrevem os limites que reconstroem suas percepções políticas e, indicam as possibilidades de renovação do que antes, em outro momento havia sido apresentado. Assim, a forma como a autora, reconsidera sua biografia, e a-fundamenta enquanto projeto delineado pelos próprios fatos históricos, é compatível com o que ressalta Catroga (2015, np.) que considera inequívoco que “no campo do que se recorda e do que se esquece, nada está definitivamente congelado.” Por isso, as mudanças discursivas da jornalista são moldadas por fatos históricos, por interesses pessoais, muito menos do que por convicções ideológicas, ao que parece, consultando a biografia da autora, que reafirma que a Rachel da maturidade consumiu a Rachel moça e idealista.

## **8 RACHEL DE QUEIROZ POLÍTICA E AS CRÔNICAS QUE ATRAVESSAM A HISTÓRIA: UM OLHAR DOS LEITOR**

Para Umberto Eco “o texto é uma máquina preguiçosa, pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho”. (ECO, 1994, p.9). E diz ainda: que [...] qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo”. Dentro dessa perspectiva, é possível elevar o leitor a um grau de importância maior no entendimento de uma obra literária.

Ainda em se tratando da importância do leitor, para Jauss (1994): “[...] Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade (...)” (JAUSS, 1994, p.7). Neste caso, a relevância daquele que recebe um texto é certa.

O efeito produzido pelas crônicas selecionadas para a pesquisa, causam de imediato ao leitor da atualidade, uma inevitável comparação de períodos históricos, por conta da similaridade dos discursos ecoantes.

A defesa pela ausência de juízo de valores na representação da realidade no campo jornalístico configurou-se, na prática, como essencial para o estabelecimento de uma suposta verdade, embora não se possa desprezar o fato de que o discurso humano é parcial por natureza, ou para citar Bakhtin, não existe a possibilidade do discurso neutro. “Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural, saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto”. (FARACO, 2003, p. 25).

Assim, é importante a atenção para a busca da compreensão mais do tempo em que a obra foi forjada, do que aquele que por vez se refere. Ou seja, nesse caso, nos estudos das crônicas engajadas de Rachel de Queiroz, compreender a situação histórica exterior aos seus escritos é de extrema importância para compreender o que a escritora queria passar como mensagem ao seu público leitor, que nesse capítulo tem atenção especial.

Em consonância, Candido (1985) assinala que a abordagem do texto literário deve articular tanto o intrínseco da obra, como suas temáticas, tramas e dimensões

formais, estéticas, quanto o extrínseco, referindo-se ao contexto social e temporal em que foi escrita.

À guisa disso, concordando sobre a relevância do leitor e sobre a importância do contexto histórico-social, parte-se para a averiguação das semelhanças discursivas localizadas nas crônicas de escritora cearense e as múltiplas vozes que em 2019 apresentam similaridade com pontos da linguagem usada por Rachel em outra época, mas que assentam perfeitamente à atualidade. Rachel de Queiroz, em suas crônicas políticas procura retratar o cotidiano do brasileiro que, pressionado por um sistema político, busca se desenvolver, contudo padece com grandes déficits sociais.

#### 8.1 ECOANDO OS DISCURSOS: CRÔNICAS POLÍTICAS, TEMPO DE POLÍTICA

Relacionando o recorte efetuado dentro de uma linha cronológica é possível observar as semelhanças de fatos e, sobretudo, discursos ressoantes das épocas nas quais as crônicas foram escritas, com os últimos acontecimentos do cenário político brasileiro. É interessante notar essa similaridade em características discursivas bem previsíveis quando se trata por um viés sociológico, dentro dessa abordagem que contempla fenômenos sociais, estruturas de poder e suas tentativas de perpetuação. Sob essa ótica, trabalha-se com as crônicas dos anexos, nas quais predominam o discurso equivalente ao articulado na atualidade. As similitudes serão pontuadas a partir de grifos nas crônicas e apontarão um discurso paternalista, populista, com apontamentos meritocráticos.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cabo dessa pesquisa, mas não dos assuntos acerca dessa consagrada escritora que é Rachel de Queiroz, é possível compreender alguns pontos primordiais em sua trajetória, que sim, é controversa, contudo, se emparelharmos essas mudanças aos acontecimentos históricos, aos fatores sociais constituintes do indivíduo, é possível entender essas transformações e interpretá-las à guisa da História que se reflete nas memórias individuais e, principalmente, coletivas. Logo pode-se considerar alguns pontos relevantes.

A escritora, em sua trajetória política, foi militante do Partido Comunista, posteriormente por suas convicções pessoais, resolve não ter ligações com a política partidária, todavia, o exercício político da escritora preservou-se por intermédio da atividade jornalística, em forma de denúncias, contestações que se designam ao homem comum, destituído de atenção pública, no jornal, um veículo tão efêmero, porém capaz de fazer repercutir a mensagem que carrega sua crônica. É importante pontuar as percepções que muitas dessas crônicas dão aos leitores; escritos carregados muitas vezes de um discurso moralista, patriarcal, patrimonialista, e por fim, nacionalista, frequentemente denotando de maneira clara a pertença de classe social da escritora, bem como a defesa de privilégios. As redes de sociabilidade de Rachel de Queiroz, facilitaram muito esse processo, como também, reivindicaram sua porção, de enaltecimentos e explicações à população brasileira, mediante as publicações da jornalista, em momentos de inquietação e questionamentos populares.

Dentro desses questionamentos, algo muito visado na trajetória *racheliana*, foi que o apoio declarado da literata à ditadura não se limitou apenas às crônicas, mas ocorreu também através de cartas e da ocupação de espaços intelectuais importantes. A escritora que, acima de tudo, respirava política e não escondia suas posições onde quer que fosse, sem dúvida, endossava-se no poder de suas falas, as quais, ela incorporara, assumindo um papel determinado de descortinar o real, de propor mudanças, com intenções muito bem delineadas.

Rachel de Queiroz, pelas suas crônicas propunha um projeto de Nação elaborado na tênue convergência de variadas correntes políticas, nas quais a cronista tenta se equilibrar, nominando, não sem custo, o que lhe aparentava mais adequado enquanto modelo político nacional.

Essa pesquisa também validou a similitude do discurso reverberado nas

crônicas de Rachel, com as expressões utilizadas nos acontecimentos políticos do Brasil em meados do ano de 2018, período pré-eleitoral e início de 2019, em que a eleição presidencial já estava definida. Tendo por base, um breve comparativo, já se identifica apontamentos do discurso nacionalista, populista, baseado em moralidade, religiosidade e meritocracia, e indícios do anseio pela manutenção de privilégios. O estudo sobre esses aspectos do presente não foram pormenorizados, mas podem vislumbrar uma boa noção daquilo que se tenta demonstrar nesse trabalho.

O papel do leitor também teve, aqui, seu lugar de destaque, pois sem a perspicácia do leitor, sem o entendimento dele, e a maneira como absorve um conteúdo escrito; debaixo de seus aspectos culturais, sociais, econômicos, etc, não seria possível a validação dessas comparações abordadas nesse texto, períodos históricos diferentes, mas, pela comparação dos discursos ecoantes, muito iguais.

E a percepção, ao final do estudo, é exatamente essa, que essas reflexões são necessárias quando se fala do homem como um ser social imerso em cultura, que também é promotor de linguagem, construtor de sua história e participante da história coletiva. A leitura de um texto, nesse caso, crônicas, para além do objetivo formal do acesso aos códigos da língua, e conhecimento de um gênero textual, tem também uma forma de apropriação da leitura que é feita paralelamente à leitura de mundo do indivíduo, da interpretação na vida, nas relações próprias de cada um. E é isso que se observa, também em Rachel de Queiroz, nas suas crônicas e em todas as suas obras.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda Dos. **História, memória e esquecimento**: implicações políticas. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 79, p. 95-111, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especificidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 1992.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção**: literatura e cultura de massa no Brasil. Editora da PUC-SP, 1996.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e literatura**: algumas considerações. Revista de teoria da história, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- BRITO, Clóvis Carvalho. **Rachel de Queiróz, intérprete do Brasil**: desafiando a dominação masculina e o cânone literário brasileiro. Caderno Espaço Feminino, v. 17, n. 1, 2007
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão**. Editora Vozes Limitada, 2011.
- CANDIDO, Antonio. Vida ao rés-do-chão. **Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil, 1985.
- CATROGA, Fernando. **Memória e história**. Fronteiras do milênio. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, p. 43-69, 2001.
- CATROGA, Fernando; BORGES, Anselmo. **Os passos do homem como restolho do tempo**: memória e fim do fim da história. Almedina, 2011.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Editora FGV, 2016.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. Unesp, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Unesp, 2002.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Livraria São José, 1964.
- CRESCÊNCIO, Cíntia Lima. **Revista Veja**: As Páginas Amarelas divulgando e questionando os feminismos durante a ditadura militar brasileira (1968–1984).

- DA COSTA PEREGRINO, Miriane; PEREIRA, Victor Hugo Adler. **A (Im) pertinente:** Questões de Gênero e engajamento na Literatura de Rachel de Queiroz. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, v. 11, p. 153-176, 2012.
- DE HOLANDA, Sérgio Buarque; EULÁLIO, Alexandre; RIBEIRO, Leo Gilson. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DE MORAES FERREIRA, Janaína Amado Marieta. **Usos e abusos da história oral**. Editora FGV, 2015.
- DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento**. De Pascal a Sartre. 2002.
- DE QUEIROZ, Rachel. **O brasileiro perplexo:** histórias e crônicas. Editora do Autor, 1963.
- DE QUEIROZ, Rachel. **Tantos anos**. Edições Siciliano, 1998.
- DE SANTANNA GUERELLUS, Natália. **Rachel de Queiroz política:** uma escrita entre esquerdas e direitas no Brasil (1910-1964). *Caderno Espaço Feminino*, v. 29, n. 1.
- DOS SANTOS BRAGA, Elizabeth. **A constituição social da memória:** uma perspectiva histórico-cultural. Unijuí, 2000.
- DOS SANTOS SOUZA, Marcos Aurélio. **O entre lugar e os estudos culturais**. *Travessias*, v. 1, n. 1, p. 486-498.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades: ensaios**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2005.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**, 1994.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo:** as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. *Criar*, 2003. Criar Edições, 2003.
- FERREIRA, RAQUEL FRANÇA DOS SANTOS. **A “Última Página” de O Cruzeiro:** crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no pós-64. Diss. Tese (Doutorado)– Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- FERREIRA, Raquel Linares et al. **O gênero crônica e suas peculiaridades tipológicas:** texto e discurso nas modalidades oral e escrita. 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 7. reimp. São Paulo: Centauro, 2013
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **A mulher entre duas histórias**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 4, 1990.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Cultura e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e poética*. In: \_\_\_\_\_. **Lingüística e comunicação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2000.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo, 1994.

DE QUEIROZ, Rachel. **Melhores crônicas Rachel de Queiroz**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **O éthos Rachel**. Cadernos de literatura brasileira, v. 4, p. 103-15, 1997.

MATHEUS, Letícia. **Memória e identidade segundo Candau**. CANDAU, Joël (2011). Memória e identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p. Galáxia, n. 22, p. 302-306, 2011.

MENDES, Fernanda Coelho. **A" fiadora do governo": as crônicas de Rachel de Queiroz na revista O cruzeiro (1960-1975)**. 2017.

NICOLATO, Roberto. Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras. In: **Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**. 2006.

MALLARD, L. et. al. História Literatura – ensaios. Campinas: Unicamp: 1995. In: CAPRARO, André Mendes. **História e literatura: proximidades na fronteira**.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. Edições Sesc, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Fabrício. **Jornalismo e literatura: modos de dizer**. Conexão-Comunicação e Cultura, v. 8, n. 16, 2009.

MEDEL, Manuel Angel Vázquez. **Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências**. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002

ORLANDI, Eni Pulcinelli; RODRIGUES, Suzy Lagazzi. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Pontes, 2006.

RICOEUR, P. (2007). **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp (1996). Tempo e Narrativa. Tomo III. Campinas (SP): Papyrus. Oliveira, 2013.

PÊCHEUX, M. A análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 39-60. (Coleção Repertórios).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Autêntica, 2013.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 1997.

QUEIROZ, Rachel de. **Dois negros**. O cruzeiro, 1950.

QUINTELLA, Ary. Rachel de Queiroz. **Jornal do Comércio**, v. 14, n. 03, 1970.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio De Janeiro. Ed. Olympio, 1953.

RAMOS, Guerreiro. (1956). **A dinâmica da sociedade política no Brasil**. Revista Brasileira Estudos Politicos, 1, 23.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: 27 Paulus, 2005.

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. "As elites culturais". In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

## ANEXOS

### ANEXO A – PÁTRIA AMADA

Eu vinha andando de bonde, redescobrimo a cidade. Apreciando, amando. Senhor, como é amável, como é bela e acima de tudo querida que ela é. Cidade que afinal de contas não é minha, todos sabem. Nasci longe. Mas que coisa será essa que nos faz sentir tão bem no Rio ou em Jaguarão, RS – você que nasceu na Rua Senador Pompeu em Fortaleza? Tão longe um lugar do outro – como assim de França para a Suécia, ou pior. E, no entanto, compare um de nós com um Jaguarão e compare um francês com um sueco.

Pois é. Isto é Pátria. Essa coisa de nos entendermos. De nos sentirmos irmãos, mesmo que às vezes se tenha raiva do irmão. Então pensando, pensando, pode-se dizer assim: Pátria é amor.

Porque é a língua, mas não é só a língua. E a História, mas será apenas a História? Todos temos recordações comuns, D. Pedro e Feijó e a Guerra do Paraguai. O moço de Jaguarão talvez evoque mais o General Osório, a moça do Ceará conhece de preferência o General Sampaio. Um era gaúcho, o outro cabeça-chata. Mas Sampaio e Osório, os dois juntos, são uma coisa só. E passados tantos anos, não fossem os nomes de rua, em Fortaleza e Jaguarão, já não se saberia qual o de lá, qual o de cá...

Pátria, só se sente bem o que é quando se sai dela. Pode ser uma leviana viagem de turismo, você parte rogando pragas por causa da ineficiência disso ou da, aquilo, as moscas no aeroporto, a safadeza do táxi que lhe cobrou trezentos cruzeiros, as transferências do horário do avião; passa pelo Recife ainda resmungando, diz que tem vontade de bater o pó dos sapatos, como fez Dona Carlota Joaquina. Pensa que é uma apátrida, um renegado que odeia esta terra

errada. Desembarca em terras além. Vê Vaticano, ursos de Berna, bebe vinhos de Dijon, anda nas autoestradas germânicas, passeia pelos gramados dos parques londrinos numa extemporânea manhã de sol. E ainda está certo de que viveria feliz em terras civilizadas, em terras com história ilustre, em terras com polícia, mormente em terras em que a política fosse ao menos jogo limpo, não esta vil cabra-cega. De repente, no dobrar de uma esquina (você estava longe de pensar que a embaixada era ali) - de repente lhe salta aos olhos, penduradinha no seu mastro diplomático, a bandeira nacional. Que lhe dá então? Lhe dá uma dor no peito. Sim, apátrida, renegado, exilado voluntário, enojado da bagunça nacional, você lhe dói o peito de saudade e, naquela hora humilde e agoniada, não mais vinhos, não mais *Old Vic*, não mais civilizados laboristas chamando o Sr. Presidente de *speaker!* O que você quer é bagunça, o que você quer é isto mesmo - é Brasil que você quer!

E assim, pois, que diremos que é Pátria? Ai, diga-se também, que pátria é uma dor no peito.

Pode ser o vulto da bandeira na sua forma material, surgindo aos seus olhos na terra estrangeira. Pode ser uma citação, aquela da bandeira num verso em que jamais se reparou, de tão recitado e escutado automaticamente, nos perseguindo desde a escola - “auriverde pendão de minha terra” ... Pode ser um pouco de português carioca falado de súbito numa mesa de bar, em Lugano. Pode ser o time do Vasco na tela do cinema, em Florença. Pode ser um simples anúncio de café do Brasil que lhe causa o choque, lhe renega e destrói a sofisticação internacionalista.

Mas aqui dentro, aqui dentro, a ternura se esconde e quem sabe se desvanece. Fica o desgosto. Às vezes a cólera, outra vez o desespero ou desânimo. Tanto amor que a gente tem no peito, para quê? Afinal, somos todos como filho pequeno que assiste ao padrasto bater na mãe da gente. Ou enganá-la; ou liquidar a herança do finado. E se a gente se juntasse todos? Mas menino não se junta. Menino é como doido, é como jogador de futebol brasileiro, não age de combinação. E, contudo, todos os filhos, mesmo descontando os que não ligam ao quarto mandamento e não honram pai e mãe, mesmo descontando os que punem pelo lado ruim, ainda ficavam milhões e milhões, não era mesmo? E não fazemos nada, a não ser chorar um pouco. Ficamos ao nosso canto, encolhidos, detestando, engulhando de aborrecimento, pedindo a Deus uma chance, uma economia, uma bolsa de estudos que nos permita de novo o

exílio e o esquecimento:

Mas nem isso é possível. E se fosse, para quê? Pátria não se arranca como titirica. Se basta dar com os olhos na placa da *Place* Rio de Janeiro ao lado do Parque *Monceau* e reparar como é tão diferente Paris do Rio, e a saudade apertar no peito justamente por causa da contradição que se procurou? E querer voltar de qualquer jeito, querer sofrer, e vir para cá, nem que seja para dar a carne aos ladrões e a alma à polícia?

Melhor ficar e estudar Geografia. Se a História e os jornais não dão consolo, a gente ao menos aprende os limites, providencia um certo orgulho – pois, diga-se o que se disser, esse Brasil é grande, não é mesmo?

(Rio, 1952)

**ANEXO B – O BRASILEIRO PERPLEXO**

Você me peça a Lua que eu te dou a Lua, meu bem, mas dez mil cruzeiros não podem ser. A gente na vida tem que tomar o costume de desejar o impossível, porque o possível é muito mais difícil. O impossível, como não se alcança nunca, acaba-se dizendo que afinal eram sonhos, e o sonho é no sonho que fica. Já o possível a gente pensa que se quisesse mesmo, se tentasse e fizesse força... E aí começa a amargura.

E ainda mais, o que é possível é uma espécie de saco sem fundo, todo dia aparece novidade. Você hoje quer dez mil cruzeiros, amanhã serão vinte mil, ou é um relógio, um sofá drago, uma televisão. O impossível, você fala nele e não se azeda - é viagem a Paris, ou ser artista de cinema, ou tomar lanche com o presidente no Palácio da Alvorada, ou ter cinco filhos gêmeos como aquelas Dionne – como as Dionne não, que são feias e já morreu uma, mas como aqueles quíntuplos Dilligenti da Argentina, ricos e bonitos que parecem fantasia de filme. Sendo ele impossível você pode ficar a vida inteira com o mesmo ideal, já que não tem perigo de realizar não precisa estar mudando.

Ah! Minha filha, pensa que é só você que deseja as coisas? Desejar desejo eu e desejo coisas grandes para esse nosso Brasil. Desde quando era menina e o Getúlio andou no nosso Estado. Que eu sonhava Getúlio chegar na nossa escola e perguntar à professora quem era o aluno mais inteligente e a professora dizia que era eu e aí ele botava uma medalha de ouro no meu peito. Mas o Getúlio nem foi na escola, passou de automóvel escoltado por um piquete de cavalaria, dando adeus com a mão.

Depois mandaram o Getúlio embora: eu tinha completado idade de eleitor, mas não tirei título. Votar em quem? No Brigadeiro o povo todo dizia que ele só pensava nos ricos e nas altas classes, e o Dutra – como escrevia o *Correio do Trabalho* – depois de ter sido o braço direito do Estado Novo não lhe cabia o lugar de chefe. Só quando o Getúlio voltou em 50 votei, mas votei mesmo, com aquele entusiasmo queimando no peito. Mil votos que tivesse dava todos ao sorriso do velhinho. Muita gente me dizia pára, que essa mania de Getúlio um dia ainda eu me daria mal; mas o que eu pensava era que nós tínhamos o Getúlio como um pai, pois nem se conhecia outro presidente desde o tempo do Barbado e dos carcomidos. E pai ninguém discute, se ama e se respeita.

Ora, afinal o Getúlio subiu de novo e foi aquele desgosto – falou – se muito, teve o Gregório e o mar de lama e o caso de quererem matar o Lacerda e em lugar mataram o pobrezinho do major que não tinha nada com a história - e o velho, coitado que de coisa nenhuma sabia, acabou tendo que dar aquele tiro no peito para cumprir o juramento de só deixar o Catete depois de morto. Chorei por Getúlio. Conto mesmo que botei fumo de luto na lapela, porque é verdade. E tomei um tão grande desagrado de política que fiquei sem querer mais saber de nada; se ainda votava em eleição é porque a essas alturas já tinha família e emprego e sem votar não se recebe vencimento – recebendo, embora com atraso, já se vive mal e mal, quanto mais sem receber. E você ainda vem falar que precisa de dez mil cruzeiros!

Fiquei assim até que veio aquela influência de Jânio - e lhe confesso que acreditei. Votei nele e acho que outra vez ainda votava. Mas não deixaram o homem governar. Fechou-se por cima dele um mistério - ele não contou nada a ninguém e foi embora. Uns dizem que ainda voltará, ah, mas as voltas não são felizes. E agora está aí esse outro que dizem que é herdeiro do Getúlio, mas nunca! Esse não é carne nem peixe, não é cristão nem mouro. Getúlio era como um gato, fazia-se adormecido até o momento de dar o bote - e sabia dá-lo. Liquidava com tudo e não ficava ninguém. Esse aí é como juiz de futebol quando dá sururu em campo: apita, mas de que vale o apito?

Não é que eu não goste das conquistas do trabalhador, o difícil é se compreender o que é para o bem e o que é para o mal. Salário mínimo, por exemplo, parecia que se tinha acabado a solução, mas ninguém contou com os tubarões, que enquanto o salário ainda está nas primeiras conversas eles já fizeram por conta do

aumento do feijão, no calçado, no ônibus, e tudo o mais. E também essas greves - como se entendem essas greves, porque quem paga é o pequeno que fica sem condução e sem outras utilidades, porque os cartolas, esses têm o seu bom carro, e motorista particular não faz greve. E passam zunindo pelo asfalto a fumar o seu bom charuto enquanto a gente vai a pé para o batente. Ah, não é mole. E os manifestos? Toda semana querem que você assine um manifesto. Vem um pedindo a sua assinatura num protesto para não entregar o nosso amado Brasil ao imperialismo yanque e logo vem outro em defesa da família cristã para não se transformar a pátria brasileira numa segunda Cuba nas garras do comunismo ateu e assassino. E uns dizem que já tem soviete com Julião e Arraes em Pernambuco e outros que o Lacerda na Guanabara quer ser o *De Gaulle* do Brasil - não se entende mais nada.

E a inflação? Aliás tenho evitado comentar a inflação. Porque então terei que lhe explicar os assuntos do dinheiro, e logo você me volta que, por falar em dinheiro, precisa-se, agora, dos seus dez contos de réis...

(Rio, 1963)

## ANEXO C – A HORA DA CIDADANIA

Eu tinha vontade de falar com os jovens – rapazes e moças - que atingem neste ano de 1998 a idade de dezesseis anos, alçando o direito de votar nas próximas eleições.

Pelas declarações de jovens, que se leem nos jornais ou se escutam na Tv, a moçada parece que não sente grande entusiasmo pelo seu novo direito. Não sei se por observação própria, pelo que veem difundindo através dos meios de comunicação, ou a política não os seduz. Salvo um ou outro mais ambicioso, que sonhe em fazer uma carreira, eles não se interessam por “política ou por políticos” - como dizem alguns, desdenhosamente, na ponta do beijo.

Felizmente não são maciçamente todos. Há uma minoria que aceita ser eleitor, quer em São Paulo, quer no Rio, ou nas outras grandes cidades nacionais. E esses até criaram um *slogan*, formulado no próprio jargão em uso entre eles: Se liga, 16! Traduzindo: “Acordem, companheiros de 16 anos.”

Vocês têm que se lembrar de que essa lei, permitindo o direito do voto à mocidade de dezesseis anos, não lhes está impondo mais uma obrigação chata; estás

lhes prestando uma homenagem. E essa homenagem é representada por uma dádiva extremamente valiosa: está outorgando a vocês o pleno direito da cidadania. Eleitores, vocês todos, moças e rapazes, estão de posse do seu título de cidadão, pois que o direito de votar é privilégio único do cidadão. E nem me venham denegrir esse diploma de cidadania, falando que é “coisa de políticos”, pois “política” dita nesse modo, quer dizer politicagem, arranjos, compadrio, tudo que de feio se associa tradicionalmente à política, aqui no Brasil.

E não é bem assim. Não tem que obrigatoriamente ser assim. A política, quando é exercida em sua plenitude, é uma arte nobre, mais nobre e mais necessária do que todas as outras artes.

A política se desmoraliza e cada vez mais se degrada aos olhos do povo, justamente porque os que deveriam cultivá-la com amor, honestidade e severa vigilância contra os transgressores, a abandonam, sua generalidade, em mãos dos que menos merecem o título de cidadão. Os direitos de cidadão.

Quando foi promulgada a lei que abre a cidadania aos jovens de dezesseis anos, foi opinião geral que se estava abrindo uma grande possibilidade para que se mudassem as coisas no Brasil. Que a face feia, desfigurada, maculada e até mesmo enlameada da política corrente no país se transfigurasse graças ao idealismo dos jovens, que os velhos vícios fossem denunciados e perseguidos pelo entusiasmo juvenil, o idealismo luminoso que se sabia existir na cabeça e no coração dos jovens.

Até hoje, a cabeça dos jovens só se interessara (mas, quando interessada, era capaz de chegar até o sacrifício) por posições extremistas – de esquerda ou de direita. Tendo absoluta prioridade as ideias esquerdistas, porque falava ao idealismo da rapaziada, prometendo justiça social e outras utopias. Muitos deles se sacrificaram por essas ideias, pagando preço duríssimo: prisão, tortura, exílio e até mesmo morte.

Mas parece que, com a derrocada do mundo soviético, os jovens, como os mais velhos, perderam suas ilusões de uma nova e justa ordem através da vitória da esquerda. E ficaram nessa grande disponibilidade atual: influenciados pela música que vem de fora, pelos padrões de comportamento mais ousados que, de fora, também aqui chegam. Os mais generosos, mais dotados, interessam-se às vezes por causas como a preservação da natureza, no que são absolutamente louváveis. Mas vocês devem compreender, meninos e meninas, que o exercício da cidadania, que parecem ignorar, é a arma suprema do homem organizado em sociedade. E vocês

recebem esse privilégio excepcional com indiferença, ou mesmo com desdém, que lhes foi concedido graças ao simples mérito de nascerem aqui!

Meninos, meninas, vocês já pensaram com algum interesse que, se se concentrarem num partido, num movimento, no amor por uma causa legítima, podem, com o seu voto - só com o seu voto! Esmagar esse ambiente politicamente sujo onde nos afundamos? Esse lodo onde proliferam os Sérgio Naya e seus comparsas – somente porque não prestamos atenção às coisas, especialmente, na hora de votar e escolher nossos representantes?

Para corrigir a maioria dos males que degradam a vida no nosso país, bastaria que fosse bem utilizada essa arma única: o título de eleitor. E essa tarefa redentora cabe a vocês, jovens, que alcançaram a maioria política ao completarem dezesseis anos. Não escutem a lenga-lenga dos mais velhos, não compactuem com as tradições familiares que fazem dos cargos políticos feudos herdados de pais a filhos. Aqui já não temos aristocratas com suas tradições familiares, e o filho de um operário emigrante dispõe de um voto tão valioso quanto o filho de um magnata da política ou dos negócios.

Briguem, discutam, lutem nas ruas, desfraldem bandeiras, façam comícios, exerçam a política na sua plenitude. Contanto que se empenhem realmente, que ponham nisso a sua paixão - que é sempre desinteressada e idealista nos corações jovens. Aproveitem, enquanto lhes bate no peito esse coração de moço - enquanto ele permanecer assim. Exerçam a sua cidadania, pelo amor de Deus, enquanto ela não se filia aos interesses dos mais velhos – divididos quase sempre pelas ambições de riqueza ou de poder.

“Se liga 16!” vamos repetir. E quem sabe se, depois da experiência inicial, vocês tomam gosto pela boa política, levam a peito os interesses do pobre povo que não se defende porque não sabe como e que põe em vocês, mocidade brasileira, vendo-a unida, na hora de ver consagradas, pelo batismo da cidadania, todas as esperanças de redenção e justiça social.

(18.4.1998)